

Imigração e relações de gênero: Subjetividades emergentes ou em recomposição?

Immigration and gender relations: emerging subjectivities or recomposed?

Inmigración y las relaciones de género: las subjetividades emergentes o o recomponiendose?

Felizardo Tchiengo Bartolomeu Costa

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Brasil
felicosta_4@hotmail.com

José Sterza Justo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Brasil
justo@assis.unesp.br

Resumo

Diferentemente de outras épocas, o imigrante na atualidade continua mantendo laços e relacionamentos estreitos e contínuos com seu país de origem, exercendo um protagonismo psicossocial e cultural em ambos os países. O presente artigo examina, particularmente, ressonâncias do transnacionalismo na subjetividade, tomando como objeto de análise uma música angolana que retrata sentimentos de estranhamento, sentidos por uma mulher, das condutas e atitudes do marido recém-retornado do Brasil. Na letra da música, a mulher se queixa de que o marido retornou bastante abrasileirado, expressando no relacionamento com ela hábitos e costumes que considera estranhos, inadequados e transgressores aos hábitos e à moralidade locais. É possível verificar, mediante essa música, o quanto o tema da emigração para o Brasil está presente no imaginário dos angolanos e como se sentem afetados pela transsubjetividade dos seus conterrâneos que retornam e infiltram elementos estranhos e transgressores na mais recôndita intimidade da cultura, representada pela vida afetiva e sexual de um casal.

Palavras-Chave: Imigração; Transnacionalidade; Subjetividades Transgressoras; Gênero.

Abstract

Unlike in other times, the immigrant today continues to maintain ties and close and continuous relationships with their country of origin, exerting an important psychosocial and cultural role in both countries. This paper examines, in particular, resonances of transnationalism in subjectivity, taking as object of analysis an Angolan song that portrays feelings of estrangement of a woman, because of the attitudes and behaviors of her husband, who had newly returned from Brazil. In the lyrics, the woman complains that her husband returned quite brazilianized, expressing in the relationship with her habits that she considers weird, inappropriate and offensive, according to local customs and morality. It is possible, according to this song, to see how the theme of emigration towards Brazil is present in the minds of Angolans and how they feel affected by the transsubjectivity of their countrymen who return to home and instill foreign and transgressive elements in the innermost intimacy of their culture, here represented by the affective and sexual life of a couple.

Keywords: Immigration; Transnationalism; Transgressive Subjectivities; Gender.



Resumen

A diferencia de otros tiempos, en la actualidad, el inmigrante sigue manteniendo lazos y relaciones estrechas y continuas con su país de origen, ejerciendo un protagonismo psico-social y cultural en ambos países. Este artículo examina, en particular, resonancias del transnacionalismo en la subjetividad, tomando como objeto de análisis una música angoleña que retrata los sentimientos de extrañamiento, sentidos por una mujer, de las conductas y las actitudes del esposo recién regresado de Brasil. En la letra de la música, la mujer se queja de que su marido volvió abrasileirado, expresando en las relaciones con ella hábitos y costumbres que considera extraños, inadecuados y transgresores de los hábitos y la moralidad locales. A través de esta música, se puede comprobar lo presente que está el tema de la migración hacia Brasil en el imaginario angolés y la forma cómo se sienten afectados por la transsubjetividad de sus paisanos que regresan y infiltran elementos extraños y transgresores en la intimidad más profunda de la cultura, representada por la vida afectiva y sexual de una pareja.

Palabras-Clave: Inmigración; Subjetividades Transgresoras; Transnacionales; Género.

Introdução

Neste artigo, baseado em nossas pesquisas de campo com imigrantes angolanos no Brasil, em teóricos que tratam das migrações na atualidade e nossas próprias vivências da cultura angolana, pretendemos discutir as possibilidades de subjetivação que se produzem com o fenômeno da migração, tendo a transnacionalidade como cenário principal. Para tal, analisamos a música 'Meu Marido', da cantora angolana Ary, que retrata novas formas de experimentação das relações de gênero mediante a mudança de práticas conjugais motivadas pela experiência da transnacionalidade.

Iniciaremos abordando o fenômeno da mobilidade humana e suas expressões nas migrações¹, a seguir, passaremos à discussão sobre a transnacionalidade e seus impactos na subjetividade, pela via das relações familiares e de gênero, por último, problematizaremos o conceito de transsubjetividade na Psicologia. Entremeando tal percurso, como não podia deixar de ser, tratamos também de contextualizar a migração angolana ao Brasil, seguida da análise da música referida, não nas suas peculiaridades estéticas, mas no que

diz respeito ao seu conteúdo alusivo a uma suposta subjetividade transgressora dos padrões de feminilidade infiltrados na identidade de gênero.

Este artigo desenrolar-se-á tendo a seguinte hipótese central: a transnacionalidade promove a emergência de subjetividades consideradas transgressoras para os conterrâneos do imigrante que, ao contrário dele, mantiveram-se em sua terra de origem, ou seja, o transmigrante constitui uma subjetividade transgressora que diz respeito, entre outras práticas, à constituição de uma sexualidade diferente e contrastante com aquela de seus conterrâneos não-migrantes, provocando, muitas vezes, conflitos, incômodos, inquietações e constrangimentos. Como principal conclusão da exploração de tal hipótese ponderamos que as subjetividades transgressoras, embora se manifestem com maior visibilidade nas experiências transnacionais dos imigrantes, se remetem, de forma mais abrangente, às subjetivações emergentes nas condições de trânsito, de mobilidade, de errância e nomadismo, que grassam a sociedade atual e que podem ser caracterizadas como *transsubjetivações* produzidas por sujeitos *trajetivos* (VIRILIO, 2005).

A Errância como Processo de Subjetivação

Os homens vêm migrando há tempos imemoriais, ou seja, migrar é parte do processo de humanização, e como diria Mafessolli (2001, p. 30). “[...] está inscrito na própria estrutura da natureza humana, quer se trate do nomadismo individual, ou do social”.

Questões políticas, econômicas, mudanças no tecido social e mesmo questões pessoais como a busca de novas experiências, de aventura, de realidades diferentes, a vontade de intercâmbio de cultura e tantas outras, são apenas alguns dos motivos pelos quais migramos.

Segundo Dias (2006, p. 6), “[...] *As razões porque se migra* (grifos do autor) são inúmeras, vão dos motivos políticos, econômicos – poder ter uma vida melhor – procura de liberdade individual, resolução de problemas ou conflitos familiares, desejo de aventura, de exotismo, etc”.

Mafessoli (2001) reforça a tese da pulsão da errância e de seus desdobramentos vários nos fenômenos migratórios e na busca e conquista de outros territórios ao afirmar que as cruzadas tiveram muito mais do que apenas motivos religiosos; teriam sido impulsionadas, também, por uma grande sede do outro lugar. Portanto, ainda que se possa dizer que os sucessos militares foram escassos, no caso das cruzadas, o contato com outras culturas deixou extasiada a nobreza europeia, gerando vários impactos, desde a sexualidade, aos modos de pensar e de se viver. Tais impactos e contaminações, resultantes das cruzadas, afetaram igualmente, e de modo particular, a filosofia e as artes. Em vista disso, podemos dizer que o nomadismo não é determinado exclusivamente pelo econômico; o que o move é o desejo; 'desejo de evasão'.

Atualmente, já não se aplica à imigração a fórmula reducionista da procura de melhores

condições de vida, pois o homem moderno busca, antes de tudo, novas formas de construção de si mesmo, não se satisfazendo em habitar apenas seu local de nascença pelo resto da vida. Em vez disso, ele busca novas experiências, novas formas de trabalho e de relações, muitas vezes, contrastantes com aquelas a que estava acostumado em sua terra de origem. Logo, a vontade de viajar, a errância ou nomadismo, como convier chamar é, como sugere Mafessoli (2001), uma expressão do desejo de quebrar as estabilidades e os estacionamentos da vida, de romper com o sedentarismo e se lançar ao novo, ao desconhecido, ao estranho. Talvez até desejo de se livrar do cordão umbilical que mantém o sujeito atracado a um quinhão de terra, sua terra natal.

O nomadismo, errância, migração e outras variantes da mobilidade humana no plano geográfico, social, psicológico e cultural podem ser considerados como expressões do desejo de expandir a vida; do desejo de romper clausuras e compromissos de residência, isto é, exprimem:

[...] a revolta, violenta ou discreta, contra a ordem estabelecida; e fornece uma boa chave para compreender o estado de rebelião latente nas gerações jovens das quais apenas se começa a entrever o alcance, e cujos efeitos não terminamos de avaliar (MAFESSOLI, 2001, p. 16).

Essa vontade de mobilidade tem sido facilitada pela disponibilidade dos recursos tecnológicos atuais, que ampliaram as possibilidades, aumentaram a velocidade das viagens e diminuíram as distâncias entre os lugares (países, continentes, cidades), porém, sendo voluntária ou forçada, como no caso dos êxodos produzidos por catástrofes naturais, guerras ou perseguições políticas,

traz consigo sentimentos ambivalentes que dividem o sujeito, no mínimo, entre o desejo de partir e o medo do novo lugar. Por mais atraente e fascinante que possa ser o desconhecido, este despertará no estrangeiro algum temor, receio ou insegurança por lhe ser pouco ou nada familiar. A chegada a um lugar desconhecido e estranho coloca desafios vários, tais como buscar um novo emprego, estabelecer novos laços afetivos, aprender a língua local, incluindo suas minúcias, adaptar-se a hábitos culturais que contrastam com seus, enfim. A situação inicial de dependência dos residentes locais, sejam eles nativos ou outros estrangeiros que vivem ali há um bom tempo, recoloca uma situação de desamparo semelhante ao do recém-nascido que necessita do outro para se orientar na nova vida e operar nela (RESSTEL, 2013). Por isso mesmo, todo o conhecimento anterior sobre o novo lugar será de grande ajuda para migrantes e outros recém-chegados.

Migrar é, portanto, buscar novas formas de se relacionar com o mundo; é ter a oportunidade de apreender novas realidades e obter outros conhecimentos, ou nas palavras de Justo (2008, p. 103):

Migrar [...] vincula-se ainda a buscas prospectivas do conhecimento. O homem carrega consigo as marcas da curiosidade, da investigação, da busca de conhecimento, da ânsia em decifrar os enigmas do seu mundo e não mede esforços para satisfazer suas curiosidades intelectuais. Tão atraente quanto o saber o que está atrás de uma montanha próxima é saber o que se encontra no infinito do horizonte. A curiosidade insaciável, sem dúvida, forneceu boa parte do combustível psicológico para que o homem se lançasse às

mais variadas aventuras em busca do conhecimento.

Os migrantes não escaparam dessa curiosidade intelectual e do chamado da bravura ao realizarem uma experiência radical de conhecimento: saber sobre aquilo que não está dado à vista, sobre aquilo que se coloca a grande distância e que nem sequer pode ser minimamente vislumbrado do lugar em que se está.

O migrante vai em busca da aventura, não apenas para si mesmo, mas, também, em nome de seus confrades que ficam. Sua vontade de viajar – e descobrir novos lugares – é também a vontade dos seus. No imaginário comunitário, a viagem daquele que parte é uma viagem de todos. Os relatos dos viajantes ou dos emigrantes que retornam ou que enviam fotos e mensagens fornecem combustível adicional para a imaginação daqueles que ficaram.

Em várias etnias angolanas, por exemplo, os preparativos da viagem incluem um ritual de despedida. Aquele que vai partir visita os parentes, principalmente os tios, para fazê-los saber oficialmente do seu intento, recebendo deles conselhos sobre como comportar-se, o que esperar e chegam a oferecer ajuda em dinheiro, como um presente, que tem mais do que importância material um verdadeiro apoio simbólico. Dessa forma, eles investem no viajante como representante de todos os que ficaram, pois se entende, que ele é quem vai levar os costumes e tradições de seu povo, para terra estrangeira e, eventualmente, trazer algo de valioso no retorno.

(Dis)rupturas e Transmutações

Segundo Dias (2005), no percurso individual da migração estão presentes os

seguintes aspectos: a) mudança de ambiente físico; b) aventuras e perigos; c) descoberta de novos hábitos; e d) recursos a novos códigos.

A mudança de ambiente físico-geográfico refere-se às diferenças de topografia, relevos, paisagens e clima entre o território que habita e aquele que passará a habitar. A materialidade do lugar não apenas contribui para o provimento das condições básicas da existência, como também é fundamental, como lembra Bachelard (1988, p. 209), para a imaginação, para as produções subjetivas e simbólicas. Conforme assinala o autor, “os geógrafos não deixam de lembrar que, em cada país, a inclinação do telhado é um dos sinais mais seguros do clima” e os sonhos e devaneios, como ponto de partida para a criação e transformação, tem seu assentamento primordial nas materialidades elementares, sendo a casa sua morada principal. Portanto, deixar o solo e a “casa natal” é também deixar certos sonhos, devaneios e imaginações para se aventurar por outros bem diferentes. Não é incomum diferenças acentuadas de clima ou de paisagens fazerem o visitante ou o imigrante desistirem de suas aventuras e isso, certamente, não ocorre tão somente por causa do sofrimento físico.

A descoberta de novos hábitos é outro inevitável marco no percurso do migrante. Hábitos simples, como uma saudação, ou mais complexos como a culinária, manejo de instrumentos e de técnicas representam outro grande desafio para o imigrante. A culinária é sempre citada como algo bastante significativo ou impactante para o imigrante. É seu contato literalmente visceral com o novo lugar e, para além da ingestão do alimento ou junto com ele, tantas outras incorporações simbólicas terão que ser feitas pelo imigrante à semelhança do que ocorre no ritual cristão da comunhão.

Os festejos e outras manifestações

folclóricas locais poderão, também, ser estranhas à pessoa que migra. A própria saudação traz uma grande carga cultural. Por exemplo, nos grupos étnicos de origem Banto de Angola, e outras regiões da África Austral, a saudação é a oportunidade de as pessoas fazerem um relato longo sobre os últimos dias, principalmente se os interlocutores não se veem há muito tempo. Desse modo, o que seria um simples 'bom dia!' transforma-se, facilmente, numa longa conversa que é em si mesma uma forma importante de saudação. O imigrante não poderá evitar o contato, ainda que esporádico, com os nacionais, por isso ele também precisa aprender os elementos que se constroem em meio à convivência (a forma como as pessoas tratam umas das outras ou como realizam as interações com seus pares).

Por sua vez, os recursos a novos códigos – língua, moeda, símbolos – acrescentam outra experiência marcante da migração. Além da aprendizagem da língua, o migrante precisa conhecer e aprender a usar a moeda e outros símbolos que regem o cotidiano daquele lugar. Aprender a língua é entender as suas minúcias, aquilo que se fala nas entrelinhas, o humor das frases cotidianas, a ironia e os significados implícitos que formam a real comunicação entre os seus utentes. Muitas vezes, a apropriação da semântica da língua se torna difícil porque, diferentemente da aprendizagem instrumental, a semântica depende de um mergulho mais profundo na cultura. A apropriação da língua é uma das ferramentas mais úteis para a integração do migrante, já que dessa forma ele poderá participar de redes de relacionamentos para além daquelas formadas pelos seus conterrâneos, garantindo-lhe maiores possibilidades na busca de um emprego, casa, escola para os filhos e, sobretudo, para compartilhar o universo simbólico do lugar e produzir identificações com os habitantes desse universo.

Mesmo quando se trata de uma mesma língua utilizada por povos de diferentes nacionalidades, como é o caso de brasileiros e angolanos, a ortografia e gramática podem ser quase iguais, mas os efeitos de sentido produzidos pelo uso de certas expressões e palavras, os referentes culturais, assim como entonação de voz, e outros elementos linguísticos, podem tornar dois interlocutores incomunicáveis. A utilização instrumental dela não traz maiores dificuldades e facilita a adaptação e integração do imigrante, podendo fazê-lo sentir-se um pouco 'em casa', mas restará o domínio semântico, o compartilhamento dos referentes culturais, isso sim capaz de produzir a intersubjetividade e fazer emergir sentimentos de profunda familiaridade.

Subjetividades Transnacionais

Nos estudos do fenômeno da imigração tem emergido uma nova abordagem, a do transnacionalismo, que consiste em focalizar e analisar os efeitos bilaterais do processo migratório, isto é, as consequências que geram tanto para o país de origem como para o destino do imigrante. No plano da experiência do imigrante, o transnacionalismo se refere à possibilidade, atualmente dada pelos meios de transporte e de comunicação, de se viver praticamente duas vidas ou de se continuar mantendo contatos e vínculos com os dois países, com as duas culturas. Os imigrantes, hoje, podem desenvolver experiências de vida e de identidade híbridas: falar duas línguas, possuir casas em dois países, adquirir dupla nacionalidade legal, construir um cotidiano mantendo contatos regulares, ou até diários, com parentes, amigos e outras pessoas de seu país de origem, dessa maneira, transpondo diariamente fronteiras nacionais e culturais. As práticas transnacionais compreendem uma grande gama de ações econômicas, políticas,

culturais, cognitivas, afetivas e de iniciativas sociais, desde negócios informais a campanhas de políticos no seio dos expatriados (PORTES, GUARNIZO E LANDOLT, 1999).

Segundo Mezzadra (2005), o imigrante não corta relações com seu país de origem, pois ele mantém um intercâmbio de hábitos que se repercutem socialmente, tanto em sua terra natal, quanto no país de destino, especialmente hoje quando a compressão tempo-espaço (HARVEY, 2009) encurta distâncias, podendo até permitir, em algumas situações, experiências de instantaneidade muito próximas da abolição das barreiras ou das fronteiras espaciais e temporais.

Exemplos oportunos do encurtamento das distâncias, devido às facilidades dadas pela tecnologia, podem ser extraídos das práticas dos angolanos que vivem em São Paulo, nas quais se pode verificar uma variedade muito grande de meios utilizados pelos mesmos para garantir a proximidade com o além-mar. O primeiro deles, e talvez um dos mais comuns, é o uso de cartões telefônicos internacionais, com a particularidade de que são feitos especificamente para países africanos (africardes), diferentes dos cartões comuns de orelhão. Outras alternativas são os sistemas *Voip* e *Skype*, inclusive, transformados em 'negócios comunitários' quando alguém vende para conterrâneos créditos que adquiriu nesses sistemas. Os que usam estes serviços pagos costumam ser essencialmente os turistas ou recém-chegados que ainda não estão familiarizados com essas tecnologias.

Outra ilustração interessante tem a ver com a atuação de partidos políticos angolanos no seio da comunidade, por exemplo, o partido majoritário no país, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), mantém células, chamadas de Células de Ação Partidária (CAPs) - pequenos grupos zonais de organização e

mobilização de membros do partido. Eles servem a vários fins, desde a mobilização e congregação dos membros filiados ao recrutamento de novos membros. A estratégia usada, muitas vezes, é a promessa de apadrinhamento para empregos e cargos na administração pública ao voltar para Angola. Essas células servem, também, para prevenir e evitar ações contra o regime, como manifestações de cidadãos descontentes. Um dos membros da comunidade relatou, em entrevista por nós realizada, uma dessas ações preventivas. Segundo ele, alguns membros da diáspora, descontentes com as notícias de violação sistemática de direitos humanos, decidiram organizar uma manifestação na frente do Consulado Geral de Angola, em São Paulo, porém, a célula do partido depois de ter recebido orientações das esferas superiores em Angola, rapidamente organizou uma maratona cultural, com bebidas de graça, para desmobilização dos manifestantes. A ação preventiva deu o resultado esperado: a manifestação não ocorreu.

A respeito da definição de transnacionalidade, Mazzucato (2006, p. 14), chama a atenção para os abusos que às vezes se fazem do uso do termo transnacional, adotando-o como sinônimo de tudo o que se refere a internacional, *“The popularity of the concept of transnationalism has led to some abuse of the term. It is often used merely as a synonym for ‘international’”*². A mesma autora refere, também, que o conceito de transnacional diz respeito a um fluxo de duas direções, por exemplo, o migrante pode fazer o envio de dinheiro ou de mercadorias para seu país de origem, mas, também, pode receber serviços de seu país de origem, sempre que necessário, práticas essas bastante enfatizadas na literatura sobre imigração, diz a autora (2006).

A respeito de como a emergência de campos transnacionais toca nossa subjetividade, Parella e Cavalcanti (2008, p.

220), nos oferecem a seguinte opinião:

Estos campos transnacionales tienen, sin lugar a dudas, diferentes impactos, como por ejemplo, la conformación de identidades y sentimientos de pertenencia, las relaciones de género y las relaciones familiares, las relaciones económicas, los procesos de movilidad social, las prácticas religiosas, los mercados de trabajo, las percepciones e imágenes sobre el hecho migratorio, el asociacionismo y la participación política, entre otros.³

O migrante se vê construindo novas identidades, agora influenciadas pelas suas novas vivências, novas experiências e novas formas de estabelecimento de relações, na sua convivência com cultura, a sociedade e subjetividades estrangeiras. As próprias relações de gênero serão reconstituídas com outros referenciais sociais, assim como suas práticas religiosas, participação política, suas percepções sobre o mercado de trabalho e assim por diante.

Este fenômeno ganha visibilidade devido às facilidades oferecidas pelas tecnologias de informação, seguidas de outras importantes tecnologias e de transformações ocorridas no mundo moderno, tão acentuadas, que permitiriam chamar as sociedades aí emergentes: sociedades pós-industriais (BELL, 1973). A introdução e massificação de tecnologias, que permitiram o barateamento da comunicação e a diversificação dos meios de comunicação foram importantes para a reconfiguração do fenômeno migratório, permitindo que pessoas tornassem regular o contato com seus lugares de origem, seja por motivos pessoais, seja por razões econômicas e políticas.

Contexto da Migração Angolana no Brasil

Petrus (2001) observou, em sua pesquisa de campo, que a estimativa era, até 2008, em torno de 800 angolanos residentes na Maré, bairro da cidade do Rio de Janeiro. A referida autora constatou o aumento do número desse imigrantes a partir de 1992, quando ocorreu o recrudescimento da guerra em Angola. Fugidos da situação de conflitos armados e das perseguições através das rusgas (recrutamento militar forçado), muitos angolanos partiram para outros países e o Brasil foi um desses destinos. As rusgas eram investidas policiais realizadas nas ruas e nas casas de Luanda e outras províncias angolanas, principalmente nos bairros pobres, para recolher os jovens em idade de recrutamento militar que não tinham se apresentado aos órgãos competentes. O recolhimento de jovens cujos documentos indicavam idade inferior a 18 anos foi baseado, muitas vezes, na alegação de que os documentos teriam sido falsificados, reduzindo-se a idade para fugir ao recrutamento. Em vista dessa situação, para muitos a alternativa que restava era emigrar, refugiando-se em outro país.

A mesma autora, ainda, refere que, apesar de não ter sido um movimento político organizado, essa emigração pode ser caracterizada como fuga em massa ao recrutamento militar por ter sido uma reação de muitos cidadãos a essa situação de opressão. Os jovens se negavam a lutar numa guerra com a qual não se identificavam e não entendiam suas razões. Para a maioria dos jovens pobres, naquela altura, a emigração parecia ser a única saída (PETRUS, 2001). Por isso, é compreensível que a população de refugiados angolanos no Brasil tenha aumentado, significativamente, nesse período, passando a ser notada dentre os estrangeiros residentes no país, tal como cita o relatório sobre o perfil migratório de 2009:

Segundo dados do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), órgão ligado ao Ministério da Justiça brasileiro [...], havia, em julho de 2009, 4.153 refugiados de 72 diferentes nacionalidades morando no Brasil. A distribuição desses refugiados, [...] mostra que 65,3% deles vieram do continente africano e há maior representatividade dos angolanos na ordem das nacionalidades.

Assim sendo, 40,6% dos refugiados, em 2009, eram angolanos. Porém, com o fim do conflito armado em 2002, muitos deles passaram a enfrentar dificuldades com a perda do estatuto de refugiados e, novamente, tiveram que realizar outro deslocamento forçado, só que, dessa vez, tomando o rumo de volta para sua terra de origem. Outros decidiram permanecer, mesmo sem o estatuto de refugiados, engrossando as fileiras dos que aqui se encontravam em situação irregular, como a grande maioria dos residentes da Maré, no Rio de Janeiro.

Coelho (2008) também defende que é a partir da década de 1980 que se constata a imigração de angolanos para vários países europeus e para o Brasil. Neste último, a mesma tem-se intensificado desde 1990, como já foi colocado por Petrus.

Para Ribeiro (1995), apud Coelho (2009), desde 1990 os jovens são os que mais se deslocam para o Brasil, sendo predominantemente aqueles que frequentam ou estão em vias de frequentar o Ensino Superior, oriundos de classes mais favorecidas do país, formando, assim, um contingente importante na imigração de africanos para o Brasil.

Segundo Fonseca (2009, p. 24-5):

As universidades no Brasil, particularmente aquelas situadas no

eixo Rio de Janeiro-São Paulo, como a Universidade Federal do Rio Janeiro (UFRJ), a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade de São Paulo (USP), receberam neste último quartel do século XX um número significativo de estudantes estrangeiros oriundos de diversos países latino-americanos e africanos, mediante convênios assinados com diversos organismos internacionais e universidades desses países. Mas o maior fluxo de estudantes universitários veio do continente africano, através do Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G), vinculado aos Ministérios das Relações Exteriores (MRE) e da Educação (MEC).

Programas de cooperação como este têm facilitado a mobilidade de jovens, que buscam aprimorar sua experiência acadêmica, aumentando ainda mais o contingente de africanos no Brasil. Segundo o mesmo autor (2009), acordos de cooperação técnico-científica, acadêmica, cultural e tecnológica das universidades brasileiras e do Estado brasileiro com os países africanos são justificados, no contexto da globalização, como ações de combate a desigualdades sociais e à exclusão; fomentando o desenvolvimento e estreitando relações políticas e econômicas. Uma boa panorâmica dessa situação pode ser visualizada nos dados que representam a população de estudantes que se encontram no Brasil frequentando cursos de graduação ou de pós-graduação, amparados por esses convênios, conforme aponta Fonseca (Op. Cit., p. 27-8):

Segundo dados do Departamento de Polícia Federal, no ano de 2005 havia um total de 1.399 estudantes,

distribuídos nos estados do Brasil. O maior número estava em São Paulo (354) e no Rio de Janeiro (306). A escolha por esses estados deu-se fundamentalmente pela maior oferta de cursos pretendidos nas IES e pelo fato de serem estados mais apresentados aos estudantes africanos, sobretudo pela mídia eletrônica e televisiva. Além disso, há a divulgação pela própria diplomacia brasileira presente nesses países africanos, por serem esses estados grandes centros urbanos, tecnológicos, científicos e culturais do Brasil.

Ao longo dos primeiros anos do século XXI, verificamos que os países africanos com o maior número absoluto de estudantes universitários no Brasil são as nações integrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop). Esse processo dá-se pelos motivos já conhecidos, tais como a língua portuguesa, o processo de conquista colonial lusitano, os laços culturais e étnico-raciais.

Eles concentram-se, majoritariamente, nas capitais, porém, existem alguns que também se fixam em cidades do interior, ainda que em menor número.

Coelho (2008) refere que o vínculo desses sujeitos com as cidades do interior do Estado de São Paulo é estabelecido por motivos religiosos relacionados, principalmente, à ação da igreja adventista, e pela presença de compatriotas residindo na cidade e, ainda, pela proximidade com as universidades na qual estudam os angolanos. Os dois últimos motivos podem ser apontados como sendo os principais no caso das mulheres angolanas, de acordo com a constatação da pesquisa da

referida autora realizada nos municípios de São Carlos e Campinas.

Além de refugiados e estudantes, existem outros angolanos imigrantes ou que intercalam temporadas de permanência no Brasil e em Angola, a maioria se dedicando a atividades comerciais e negócios envolvendo os dois países. As atividades comerciais comumente são realizadas por meio de redes que estabeleceram com o próprio país de origem, em parceria com seus familiares. Parceria na qual, via de regra, os familiares residentes em Angola enviam dinheiro para a compra de mercadorias, remetidas pelos imigrantes através de outros passageiros ou de transportadoras, para serem comercializadas naquele país. Esse mecanismo informal de comércio é o mesmo que permite, também, que se atualizem as relações entre a terra de origem e o lugar atual de residência. É assim que recebem e enviam as notícias, trocam cartas, encomendas e novidades sobre a família e mesmo sobre a vida pública da sua terra.

O que aprendemos com a comunidade angolana é que este trânsito é feito, em boa parte, por vias não oficiais. Essa forma de atuação deve ser considerada com uma atenção especial, por que tem a ver com um conjunto complexo de razões, dentre as quais o fato de serem negócios que pela via oficial exigiriam uma estrutura que eles não estão em condições de sustentar, como agências bancárias, casas de câmbio e outras similares. Outro motivo para isso tem a ver com o fato de que alguns destes cidadãos ainda se encontram em situação irregular, de tal maneira que são barrados no acesso ao mercado de trabalho formal. Os angolanos (residentes ou turistas) usam estes expedientes extraoficiais para enviar e receber quantias financeiras, ou seja, para garantir a transferência de montantes de Angola para o Brasil e vice-versa. O esquema utilizado é muito simples:

1. Um angolano aqui no Brasil trabalha como agenciador, que circula com quantias avultadas de dinheiro, numa mochila, tentando parecer o mais discreto possível, dinheiro esse usado para realizar as transações;

2. O cliente que precisa da transferência chega e informa a sua intenção de receber dinheiro de Angola e a quantia correspondente;

3. O agenciador lhe pede que providencie um depósito (tendo como referência a taxa de câmbio baseada no dólar norte-americano) numa determinada conta e banco que indica para o cliente, orientando a lhe informar assim que o depósito for feito. Normalmente se pede para um familiar residente em Angola fazer este depósito;

4. Em seguida, o agente faz uma ligação para o seu contato em Angola com o intuito de confirmar a operação e entrega a quantia já convertida em reais ao cliente, ganhando 10% sobre o valor negociado. Toda a operação acontece num bar, de maneira discreta e rápida. Dessa forma, eles eliminam instituições oficiais como intermediárias da operação e fazem circular grandes somas pelo conhecido bairro do Brás, na cidade de São Paulo.

Configura-se, assim, um transnacionalismo intenso também facilitado pelo maior acesso às tecnologias informacionais, que permitem uma interação maior com familiares e conhecidos que ficaram em Angola. É notável o uso cada vez maior de e-mails e das redes sociais, como Facebook, HI5, Twitter e outras; as facilidades oferecidas pelo Skype, que permite realizar ligações muito mais econômicas, chegando mesmo a oferecê-las gratuitamente, bastando para isso possuir um computador e ligação à Internet; os africanos, um tipo de cartão telefônico concebido e usado especificamente para realizar chamadas para países africanos

através de qualquer telefone fixo ou celular, e tantas outras tecnologias de informação e de comunicação. Todas essas engenhocas tecnológicas têm favorecido amplamente a criação de um campo de emergência de subjetividades transnacionais com diversas implicações.

O transnacionalismo dos processos migratórios atuais não gera consequências e transformações mútuas entre países envolvidos, exclusivamente no plano econômico, mas, também, no plano cultural e na produção de subjetividade. Ocorrem hibridizações do sujeito migrante envolvendo também aqueles com os quais continua a interagir no seu país de origem. Hábitos, costumes, valores, modos de relacionamento social e afetivo, a língua, a própria identidade pessoal e as referências culturais, a sexualidade, formas de perceber e pensar, enfim, é todo o conjunto da subjetividade que se transforma nessa experiência de transumância que interliga lugares distintos. São exatamente os impactos subjetivos do transnacionalismo dos imigrantes que tomaremos como foco deste artigo, a partir da análise da letra de uma música angolana que retrata a perplexidade de uma mulher diante de seu marido recém retornado do Brasil.

Portanto, o objetivo deste artigo é discutir transformações subjetivas produzidas em meio à vivência transnacional dos angolanos que emigraram para o Brasil, tomando como objeto de análise a música intitulada 'Meu Marido', de bastante sucesso em Angola, gravada em 2013. A referida música oferece um bom retrato das mudanças na subjetividade do imigrante retornado, percebidas por aqueles que ficaram. Ela também é um bom retrato do impacto da experiência da imigração e da transnacionalidade nas relações de gênero.

Sobre a Música 'Meu Marido' e a cantora Ary

Ary é o nome artístico da cantora angolana Ariovalda Eulália Gabriel, de 28 anos, nascida no sul do país, na cidade do Lubango, capital da província da Huíla. Ela estreou como cantora num concurso televisivo de música, Estrelas ao Palco, em 2002.

De acordo com Pombal (2011), é já a partir desta sua participação no concurso que ela começa a ser notada, provavelmente devido a exposição que este concurso propiciava aos participantes, já que era uma co-produção de uma cadeia de rádio importante no seio juvenil (Luanda Antena Comercial – LAC) e a única Televisão Pública de Angola (Televisão Pública de Angola – TPA), com alcance nacional e acesso gratuito.

Segundo Albanol (2011), a cantora lançou seu primeiro disco em 2007 que lhe rendeu, já nesse início de carreira, uma grande notoriedade em Angola, e prosseguiu com outras duas premiações consecutivas no Top dos 'Cantores mais Queridos' – um concurso promovido pela Rádio Nacional de Angola (um meio de informação público) em que os artistas são eleitos mediante votação popular por telefone e SMS. Em 2008, Ary ocupou o segundo lugar do Top dos Mais Queridos com o tema 'Teu Grande Amor', do disco 'Sem Substituições'. Dois anos depois (2010), ela volta a conquistar o segundo lugar na 20ª edição do concurso, com a canção 'Vai Dar Bum'.

O segundo disco da cantora, do qual consta a faixa musical analisada neste trabalho, foi gravado em Angola, Portugal e França e aborda temáticas relacionadas ao amor, violência doméstica e temas que a cantora considera tabus em determinadas regiões do país (SILVA, 2013), tendo sido lançado em 2013, em Luanda – capital do

país – também com bastante sucesso.

Meu Marido⁴

Meu marido era um grande sonso
Desde que veio do Brasil eh, meu
marido mudou, mana⁵
Qualquer coisa fala de Copacabana
Hoje já bebe caipirinha e gosta
muito de samba

Agora me segue tá tipo mbua⁶
Meu marido yono yoso yoneshala⁷
Todo minuto quer me abraçar ah!
E as novelas Também quer ver e
falar

Já não me beija no quarto eh mana,
É à frente dos outros
Beijo não quer da buchecha
Quero me beijar o umbigo é
Se deslocou das ideias, mana,
Está ficar feiticeiro é
Hoje reclama os vestidos
E me manda pôr saia curta

Meu marido era um grande sonso
Desde que foi no baile funk,
O meu marido mudou mana
Mesmo com sol, quer beber cerveja
Hoje não fala mais ginásio, agora
academia
Agora me segue tá tipo mbua
Meu marido yono yssu yonesla
Todo minuto quer me beijar ah!
E as novelas Também quer ver e
falar

Já não me beija no quarto, mana,
É à frente dos outros
Beijo não quer da bochecha
Quero me beijar o umbigo é
Se deslocou das ideias mana,
Está fica feiticeiro é
Hoje reclama os vestidos

E me manda pôr saia curta

Esse marido, desde que foi no Brasil
Veio pra'qui cheio de gracinha,
cheio de caó⁸,
Se enxerga Mané
Eh, é demais

Aí meu marido, quero você de volta
O marido da fuba de mbombó⁹ papa,
é demais
Não o marido da linguíça

Já não me beija no quarto eh mana,
É à frente dos outros
Beijo não quer da buchecha
Quero me beijar o umbigo é
Se deslocou das ideias, mana,
Está fica feiticeiro é
Hoje reclama os vestidos
E me manda pôr saia curta

Subjetividades Transgressoras: Migração, Transnacionalidade e Gênero

Segundo Parella e Cavalcanti (2008, p. 220), “as práticas transnacionais dos migrantes contemporâneos estão imersas em sistemas de vínculos, interações e mobilidades existentes”, ou seja, o migrante não inventa uma forma de existência, à revelia do que existe à sua volta, pois ele está imerso em sistemas e fluxos de mobilidade e em formas de relacionamento já constituídos. No entanto, ele atua de maneira ativa e singular ao colocar em contato o que traz de sua cultura de origem com o que encontra no destino. Sua concepção sobre relações familiares, sexualidade, trabalho e tantas outras serão, de alguma forma, recompostas como resultado desse encontro entre diferentes culturas do qual será protagonista. Assim, podemos dizer, tomando Parella e Cavalcanti (2008, p. 220) como base, que existe sempre para o migrante um “até que” e

“um desde que”, sendo que o primeiro configura aquelas experiências anteriores à migração, e o segundo diz respeito aquelas experiências que se somam depois da mesma. A música da cantora angolana Ary gira em torno desse paradigma. Ela retrata mudanças ocorridas na relação de um casal, depois que o marido passou a morar no Brasil.

A primeira estrofe é o prolegômeno do estranhamento sentido pela parceira como resultado da experiência migratória do marido, destacando, de maneira inequívoca, a diferença que ela percebe entre o antes e o depois.

Meu marido era um grande sonso
Desde que veio do Brasil eh, meu
marido mudou, mana
Qualquer coisa fala de Copacabana
Hoje já bebe caipirinha e gosta
muito de samba

Ainda que essas referências possam ser entendidas como metáforas, elas deixam claro que a autora usa marcadores da cultura brasileira bastante conhecidas, como Copacabana, Caipirinha e Samba, para falar das mudanças notadas no marido.

Parella e Cavalcanti (2008, p. 227-228) afirmam que as tensões entre casais transnacionais são grandes e frequentes; e podem inclusive levar ao término do relacionamento,

Para muchas de estas parejas, la migración supone un «antes» y un «después» en su relación de pareja; un punto de inflexión por cuanto la migración supone transformaciones en las relaciones de género que muchas veces pueden incluso precipitar el fin de la pareja ante la dificultad de volver a recomponer los roles tras un periodo más o menos prolongado de separación.¹⁰

Articulando com a música da Ary, na sua penúltima estrofe, por exemplo, a esposa expressa sua insatisfação com as mudanças e a distância do marido transformado e clama, inclusive, pela volta do antigo marido. Entenda-se aqui como aquele do “antes de”, que ela chama de *O marido da fuba de mbombó*, uma clara referência à cultura do país, diferente deste novo a que ela chama de *O marido da linguiça*, contaminado pela cultura estrangeira.

O *mbombó* é uma comida típica de Angola, que se prepara com a farinha (fubá) de mandioca (mbombó). Por isso, quando a cantora se refere ao 'marido da fuba de mbombó', ela está a se referir àquele marido que gostava de comer esse prato típico, aquele marido que se identificava claramente com os valores culturais de Angola, dentre os quais as comidas típicas. O mesmo podemos dizer em relação ao marido da linguiça. Aqui, a autora faz um jogo interessante de palavras, na medida em que a linguiça é uma especiaria que também existe em Angola, porém, com um nome diferente: chouriço. Portanto, mais uma vez, através desse jogo de palavras, a cantora quis reiterar as mudanças sofridas pelo marido. Chamá-lo de marido da linguiça é, na verdade, acusá-lo de ter trocado sua identidade angolana por uma brasileira, da mesma maneira que acontecia quando os africanos da costa do continente eram batizados e obrigados a adotar nomes portugueses, negando seus próprios.

A proibição do uso de nomes próprios africanos, que durou até a irrupção dos movimentos nacionais de independência, foi um dos marcos simbólicos da imposição da cultura e da nacionalidade portuguesa aos habitantes das 'províncias ultramarinas'. O jogo de sentido realizado com a palavra linguiça, na música em tela, e o uso de expressões do dialeto Kimbundu na letra escrita em português, remetem à experiência histórica de dominação cultural na qual o

estrangeirismo linguístico proveniente desta feita do Brasil desperta preocupações e temores. Aqui, também fica claro que não se trata apenas de uma simples mudança de nomes, mas, da emergência de uma nova subjetivação em relação questão do gênero e é exatamente este o motivo do desconforto da parceira.

Ai meu marido, quero você de volta
O marido da fuba de mbombó papa,
é demais
Não o marido da linguíça

Portanto, o 'marido da linguíça' é aquele que abdicou de particularidades da língua natal ou que traz estrangeirismos na própria língua representando, também nesse plano, um contágio subversivo que transforma esse bem extremamente precioso e que se constitui como uma das principais referências identitárias de uma cultura e de um povo – sua língua. O embutido de carne, como tal, é mesmo, porém, seu sentido se modifica completamente quando é chamado de chouriço ou de linguíça no contexto das culturas brasileira e angolana.

Outro apontamento interessante feito por Parella e Cavalcanti (2008), diz respeito às transformações que ocorrem nas relações de gênero e como as mesmas podem ocasionar tensões para o casal. Esta questão aparece além da primeira estrofe, também na segunda, na terceira e em outras seguintes, deixando claro que a influência da migração emerge através de novas práticas relacionais propostas ou investidas pelo marido, nomeadamente, os beijos em público, os abraços frequentes, o interesse pelas novelas, a tentativa de instigar a esposa a usar saias curtas e assim por diante. Todas estas práticas mencionadas na letra da música são recebidas pela esposa de maneira escandalosa, estranha, como uma degeneração até, deixando claro que são práticas não

sancionadas pela cultura local, portanto, são vistas como transgressoras aos olhos não apenas da esposa, mas da sociedade.

Já não me beija no quarto eh mana,
É à frente dos outros
Beijo não quer da buchecha
Quero me beijar o umbigo é
Se deslocou das ideias, mana,
Está ficar feiticeiro é
Hoje reclama os vestidos
E me manda pôr saia curta

Os estrangeirismos trazidos pelo imigrante, tal como é posto na letra dessa música, tornam-se bastante preocupante e ameaçador porque se infiltram de maneira extremamente invasiva. Não fica a distância, mas se imiscui na vida íntima do casal, na sexualidade. Incidem sobre os corpos, pelo beijo no umbigo, pelas roupas curtas, por isso mesmo são mais ameaçadores em suas subversões e considerados como coisas insanas, como coisas de quem se enfeitou ou se 'deslocou das ideias'. O imigrante representa o estranho, tal como ressalta Santamaría (2002) e, poderíamos acrescentar, não apenas no país de destino, como também passa a representar o estranho no próprio país de origem, quando retorna ou quando envia suas mensagens inevitavelmente contaminadas por alguma idiosincrasia do local onde está.

Esse estranho que se infiltra pelo retorno do familiar que emigrou é mais enigmático e preocupante ou persecutório do que aquele encarnado pela presença de um imigrante ou de um estrangeiro no local. O estranho encarnado por um emigrante retornado, tal como o marido cantado na música, além de infiltrar-se na intimidade dos locais, representa uma prova viva e cabal das metamorfoses que esse estranho pode provocar, como se fosse um poderoso vírus passível de ser adquirido por contágio. Essa

presença incômoda de algo estranho é sentida na psique como uma *intrusão*, no sentido winnicotiano do termo (WINNICOTT, 2000, p. 403), que despertará reações diversas desde tentativas de rechaça-lo, como ocorre no caso da letra da canção em pauta, até sentimentos de aniquilação de si mesmo. O intruso rompe com a sensação de continuidade de si mesmo no tempo e no espaço, ameaça a identidade, perturba os arranjos harmoniosos feitos pelas assimilações do outro provenientes do processo de identificação, enfim, é uma ameaça à integridade e estabilidade de si mesmo e do mundo circundante. No fundo, o marido estranho somente é percebido assim não apenas pelas suas condutas manifestas contrastantes, mas pelo que nelas não pode ser reconhecido, pelo enigma que elas trazem de suas referências a uma cultura estrangeira que é uma incógnita. O receio, o temor e a precaução contra o estranho é por aquilo que não se sabe dele e, por conseguinte, daquilo que ele pode despertar ou incitar no sujeito, aquilo que ele pode denunciar de estranhamentos de si mesmo.

A virótica do retornado e suas intrusões se tornam ainda mais potentes quando encontra um ambiente familiar, um relacionamento de casal ou outra possibilidade de entrada na vida íntima.

É interessante olharmos para o fato de que a música se refere à família. É uma mulher falando para outra mulher, a 'mana' que, no português angolano, significa irmã mais velha, mas não somente, a mana representa normalmente qualquer mulher que seja mais velha e de quem se tenha alguma proximidade. Ela é a pessoa que, pela sua idade e experiência, é também considerada a mais indicada para dar conselhos diversos sobre a vida. Acima dela, estão apenas as tias e as avós. Por isso, é compreensível que a esposa estivesse conversando com ela, um diálogo que busca encontrar compreensão da

situação e alguma proposta de solução em uma pessoa mais velha que representa as tradições.

Vale esclarecer que a família é uma instituição bastante forte em Angola. É até difícil comparar com a família brasileira e nem temos elementos para isso, mas, em Angola a família ainda é uma base bastante sólida da organização social e de referência pessoal. Os laços familiares e de parentesco são bem estabelecidos e bastante fortes, a saber, compondo um universo bem amplo, principalmente nas regiões interioranas quanto nos grandes centros urbanos. É nela que se manifestam de maneira mais contundente e que são captadas as infiltrações e conturbações das subjetividades estrangeiras trazidas pelo membro que emigrou. Esta consideração é importante, porque como referem Ariza (2002):

La familia constituye un eje de organización social prioritario en la vida de los migrantes, cuya importancia se acrecienta en el contexto transnacional” [além disso] “(...) la perspectiva transnacional matiza y complejiza el presupuesto de la migración como resultado de la decisión familiar, ya que toma en cuenta tanto los efectos como las percepciones diferenciadas que se tienen sobre el hecho migratorio entre sus protagonistas” (HERRERA, 2004, apud. PARELLA e CAVALCANTI, 2008, p. 4)¹¹.

Os laços e vínculos familiares dos angolanos reforçam o transnacionalismo. Contribuem significativamente para a continuidade do relacionamento do emigrado com seu país natal, além de se constituírem como força ponderável para o retorno. É pela via das relações familiares, principalmente,

que circulam as trocas transnacionais realizadas pelos imigrantes nas quais transitam bem materiais, tais como dinheiro e mercadorias, e bens imateriais relacionados às produções culturais e subjetivas. Os bens culturais e subjetivos acabam sendo mais contundentes e, talvez, gerem efeitos mais importantes do que os bens materiais, porque penetram nos espaços centrais da vida e são mais difíceis de serem digeridos e incorporados. Não é a toa que a música apenas menciona o estranhamento, pela mulher, da conduta do 'marido linguíça', relativa ao campo do erotismo, dos hábitos como o do seu gosto pelo samba, pela caipirinha e outros tidos como signos da brasilidade e não se refira a qualquer bem material propriamente dito eventualmente trazido por ele.

Outra mudança percebida pela mulher, no marido que retorna, refere-se a uma possível esperteza adquirida durante sua estadia no exterior. Antes, era um 'sonso', como diz a letra da música e, agora (depois de ter estado no Brasil), mudou, fala de Copacabana, bebe caipirinha, gosta de samba, quer beijo no umbigo e tantas outras coisas estranhas. Mesmo que as mudanças de hábito percebidas no retornado não sejam bem apreciadas, a experiência no exterior acaba sendo vista como algo enriquecedor, como amadurecimento e perda da ingenuidade atribuída àqueles que vivem excessivamente vinculados a um determinado lugar, que vivem o 'mundinho' próximo e que desconhecem as tramas do exterior. Por isso mesmo o marido que retorna já não é aquele 'sonso', mas um espertalhão, talvez um 'malandro', bem ao estilo brasileiro, ou alguém com uma experiência ampliada, capaz de realizar transgressões no plano da sexualidade e em outros, para vencer obstáculos.

O refrão também é bem interessante de ser analisado, pois nele é possível captar um

questionamento da masculinidade do marido abasileirado. A mulher reclama da conduta do marido que, agora, se gruda nela e acompanha o tempo todo feito um cachorro: 'agora me segue tá tipo mbua'. O 'novo' marido reivindica para si um lugar que antes não exigia, fazendo-se presente muito mais do que no momento 'antes de'. Esse novo marido carinhoso, ou até visto como um erotomaniaco, que agora quer estar sempre ao lado da mulher (todo minuto quer me abraçar ah!), contrasta com o marido 'de antes', mais distante e que lhe dava maior autonomia. Outra mudança escandalosa para ela está no fato de o parceiro, agora, se dispor também a conversar sobre novelas, o que em si já uma transgressão às normatizações de gênero, que colocam as novelas no campo feminino, e futebol, carros e esportes, por exemplo, no campo masculino. Portanto, a transgressão de gênero, nesse caso, acontece por intrusões vindas dos dois lados da fronteira. Tanto a feminilidade quanto a masculinidade recebe a intrusão de padrões de conduta estranhos, advindos de outra cultura. Não obstante, a mulher, retratada na música, não deixa de ter a esperança de que as coisas fiquem bem no final, que tudo volte ao normal, usando, inclusive, como recurso a sabedoria popular, 'eh marido yono yoso yoneshala'.

Agora me segue tá tipo mbua
'eh marido yono yoso yoneshala'
Todo minuto quer me abraçar ah!
E as novelas Também quer ver e falar

A canção também reafirma a diferença de gênero relacionado à imigração. É o homem que migra e a mulher é quem fica. A figura feminina representa todos os que ficaram, inclusive os homens. Ficar, permanecer, se enraizar se liga profundamente à figura feminina, enquanto que a viagem, o

desbravamento e aventuras pelo desconhecido, são vinculados à figura masculina.

A mulher clama pela 'volta do marido', assim como todo emigrante carrega consigo o sonho do retorno. Um retorno impossível e fadado ao fracasso, como são todas tentativas de reaver *in totum* qualquer passado. Mas, esse saudosismo e manifestação do desejo de reaver o marido perdido pode ser uma estratégia de defesa contra eventuais acusações e recriminações autoimputadas, de cumplicidade com aquelas transgressões atribuídas ao marido brasileiro, ainda mais quando tal saudosismo é dirigido a um interlocutor que representa o antigo, que representa aquilo que ficou, as tradições da cultura local, como é o caso da irmã mais velha. Essa confissão à irmã pode funcionar como um pedido de desculpas ou como uma negação da cumplicidade com as transgressões do marido. Como negação de uma possível cumplicidade, a letra da música acentua a recriminação das atitudes do marido brasileiro, chamando-o de 'mané', de bobo que 'precisa se enxergar', isto é, que precisa reconhecer a impertinência de seus brasileirismos e voltar a ser um angolano puro, não transgressor.

Em suma, podemos dizer que, na presença do imigrante retornado, se vê emergir uma subjetividade considerada transgressora aos olhos dos familiares do país de origem, acostumados a outras formas de interação, diferentes daquelas dos países para onde seus familiares foram, por algum motivo.

À Guisa de Conclusões

O fenômeno da migração e a experiência da transnacionalidade, favorecidos pelas novas possibilidades de comunicação, propiciadas pelas tecnologias atuais, suscitam processos de subjetivação emergentes na contemporaneidade e que precisam ser mais

profundamente estudados, especialmente no campo da Psicologia, em suas articulações com relações de gênero, com a sexualidade, com vínculos e vivências afetivas – principalmente aqueles constituídos nos relacionamentos familiares – com o sentido do trabalho, com as referências identitárias e em tantas outras articulações.

O campo da transnacionalidade tem permitido a emergência de novas subjetividades, resultantes dos processos de subjetivação que emergem dele. Produções específicas da subjetividade são transformadas por processos migratórios, oferecendo novas composições de relações familiares, de relações de trabalho e de identificações culturais e sociais.

Podemos dizer que a migração, por meio de processos como a transnacionalidade, pode produzir subjetividades vistas como transgressoras, pela intrusão do estranho na familiaridade local, entendendo-se por estranho e familiar, aquilo que é, respectivamente, desconhecido/enigmático/fora de controle e conhecido/codificado/controlado, ou então, aceito/corriqueiro e rechaçado/incomum.

Urge colocar a Psicologia na investigação e debate das figuras e dos modelos de subjetivação que emanam das experiências transnacionais ou transsubjetivas, cada vez mais frequentes na contemporaneidade. Além da intersubjetividade, já tão familiar na Psicologia, é necessário trazer o conceito de transsubjetividade. A intersubjetividade, na acepção mais corriqueira, diz do comum na experiência do encontro, enquanto que a transsubjetividade alude ao diferente, ao incomum, ao transgressivo e se reporta à subjetivações híbridas.

A transsubjetividade, no sentido que está sendo tomada aqui, se distancia bastante da acepção que lhe é dada em algumas abordagens da teoria das representações sociais, que a toma numa esfera criada na

intersecção de duas outras – a subjetiva e intersubjetiva – e expressa representações coletivas e comuns: “Na formação das representações sociais, a esfera da transsubjetividade se situa diante da intersubjetividade e remete a tudo que é comum aos membros de um mesmo coletivo” (JODOLET, 2009, p. 698).

Nosso conceito de transsubjetividade se aproxima do utilizado no campo da psicanálise, principalmente por Kaes (1989) e replicado por seus seguidores: “Cuando hay transmisión transsubjetiva (transpsíquica) existe ausencia de un espacio de transcripción, implica un borramiento de los límites del sujeto y por lo tanto un estado de indiferenciación, podríamos decir de desubjetivación” (JASROSAVSKY, 2008, p. 3). Outro discípulo de Kaes acrescenta que “Probablemente, cuanto más situaciones de ruptura, catástrofe social y traumatismo social existen [...], más se incentivan estos procesos de transsubjetividad” (KLEIN, 2010, p. 601). Destacamos nesses fragmentos do conceito de transsubjetividade o entendimento de que ela se constitui na diluição ou na opacidade de fronteiras espaciais próprias de situações em que ocorrem rupturas, sejam elas sociais ou mesmo rupturas na organização dos conteúdos e na estabilidade dos processos psicológicos.

A transsubjetividade, enquanto produções num espaço outro, constituído a partir de espaços específicos de subjetivação, encontra um solo fértil e privilegiado na experiência dos imigrantes. Eles transitam por subjetividades e modos de subjetivação construídos em diferentes países e culturas, por isso, possuem as condições de possibilidade para hibridizações capazes de produzir o novo pelo que é incomum, diferente e estranho, operando não pela simples somatória ou junção do que é ajustável ou assimilável numa dada categoria, mas pela composição ou bricolagem do que sobra, do que não é categorizável nas

categorias nacionais e socioculturais estabelecidas. Não que eles necessariamente produzam subjetividades híbridas, transsubjetivas, mas, sim, que eles possuem condições bastante favoráveis para isso.

Poderíamos dizer que o migrante não subjetiva propriamente, mas, que ele *transsubjetiva* em suas *trajetividades* e é exatamente esse desafio que se coloca para a Psicologia na atualidade: compreender a transsubjetividade e toma-la em consideração, não apenas no caso dos migrantes, mas, sim, a partir deles, tentar compreender suas expressões e produções em várias outras experiências do homem contemporâneo que vive intensamente as condições de mobilidade e de compressão tempo-espço.

¹ Considerando a intensificação dos fenômenos da mobilidade e do deslocamento do homem na atualidade, num mundo hipercinético, utilizaremos o termo migração para nos referirmos a tais mobilidades gerais, incluindo a emigração e imigração. Os termos emigração e imigração serão utilizados apenas nos momentos em que estivermos nos referindo especificamente aos deslocamentos de um país a outro com o propósito de se fixar residência e viver no local, ainda que temporariamente e tendo o retorno como perspectiva de futuro.

² A popularidade do conceito de transnacionalismo tem levado a usos abusivos do termo. Sendo usado frequentemente como um mero sinônimo de internacional.

³ Estes campos transnacionais têm sem dúvida, diferentes impactos, por exemplo, a formação de identidades e sentimentos de pertença, relações de gênero, e as relações familiares, as relações econômicas, os processos de mobilidade social, as práticas religiosas, os mercados de trabalho, as percepções e imagens sobre o ato migratório, o associacionismo e a participação política, entre outros.

⁴ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=F-Y73E5X9Hw>

⁵ Irmã ou pessoa mais velha, mais experiente, apta a dar conselhos aos mais novos, no caso de homem seria mano.

Imigração e relações de gênero: subjetividades emergentes ou em recomposição?

⁶ Contração da palavra cambua, que em português significa cachorro.

⁷ É uma expressão idiomática kimbundu que significa: tudo há-de ficar, mais adiante no texto discutimos o contexto de utilização da mesma.

⁸ Malandragens, esperteza.

⁹ Comida típica de Angola, a fuba equivale à farinha e o mbomó é a mandioca, portanto, aqui a cantora se refere a um prato típico local feito à base de farinha de mandioca.

¹⁰ Para muitos desses casais, a migração é um "antes" e "depois" em seu relacionamento; um ponto de viragem desde a migração envolve transformações nas relações de gênero, que muitas vezes pode levar ao fim da relação diante da dificuldade de voltar a recompor os papéis depois de um longo período de separação.

¹¹ A família é um eixo prioritário de organização social na vida dos migrantes, cuja importância se torna ainda maior no contexto transnacional "[além disso]" (...) a perspectiva transnacional matiza e complexifica o pressuposto de que a migração é resultante de uma decisão da família, porque leva em conta tanto os efeitos quanto as diferentes percepções que se possuem sobre o feito da migração entre seus protagonistas.

Referências

ALBANOL, Manuel. Ano abençoado da cantora Ary. **Jornal de Angola**. Luanda. Janeiro. 2011. Disponível em <http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/musica/ano_abençoado_da_cantora_ary>. Acesso em 20 de Setembro de 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BELL, Daniel. **The Coming of Post Industrial Society: A Venture in Social Forecasting**. New York: Basic Books, 1973.

COELHO, Marciele Nazaré. **Memória de Angola e vivências no Brasil. Educação e diversidade étnica e racial**. 2008. Tese

(Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

DIAS, Maria Inês Silva. Uma viagem psicológica pela migração. **PsiLogos - Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca**, v. 2, n. 2, p. 6 – 12, 2005.

FONSECA, Dagoberto José. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. **Pro-Posições**, v. 20, n. 1, p. 23 – 44, 2009.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2009.

JAROLAVSKY, Ezequiel. Indicadores de violência em el vinculo de pareja. De la transmisión transobjetiva a la intersubjetiva. **Psicoanálisis & Intersubjetividad: familia, pareja, grupos instituciones**, n. 3, 2008. Disponível em <<http://intersubjetividad.com.ar/website/articulo.php?id=192&idioma=&idd=3>>. Acesso em 16 de Maio de 2014.

JODOLET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, v. 24, n. 3, p. 679 – 712, 2009.

JUSTO, José Sterza. A chegada dos imigrantes japoneses e a partida dos decasséguis: dois lados da mesma viagem. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo. **Cem anos da imigração japonesa**. São Paulo, Editora Unesp, 2008.

KAËS, René. El pacto denegativo en los conjuntos transubjetivos. In: M. Missenard (Org.), **Lo negativo. Figuras y modalidades**. Argentina, Amorrortu, 1989.

KLEIN, Alejandro. Uma lectura critica del psicoanálisis francês de grupos em relacion a la obra de René Kaës. **Psicologia USP**, v. 21, n. 3, p. 599 - 616, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

MAZZUCATO, Valetina. Migrant transnationalism: Two-way flows, changing institutions and community development between Ghana and the Netherlands. **Economic sociology the european electronic newsletter**, v. 7, n. 3, p. 8 - 16, 2006.

MEZZADRA, Sandro. **Derecho de fuga. Migraciones, ciudadanía y globalización**. Espanha: Ed. Traficantes de Sueños, 2005.

Organização Internacional para as Migrações. **Relatório**. Perfil migratório do Brasil, 2010.

PARELLA, Sonia; CAVALCANTI, Leonardo. Aplicación de los campos sociales transnacionales en los estudios sobre migraciones. In: SOLÉ, Carlota; PARELLA, Sônia; CAVALCANTI, Leonardo. **Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. Barcelona, Grafo, S.A., 2008, p. 219 – 243.

PETRUS, Maria Regina. **Emigrar de Angola e Imigrar no Brasil: Jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: história(s), trajetórias e redes sociais**. 2001. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PETRUS, Maria Regina. Jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: imagens, relatos e diálogos. **Revista Travessia**, v. 12,

n. 37, p. 17 - 24, 2001.

POMBAL, Béu. Ariovalda Gabriel: A perseguição pelo lugar ao sol. **Jornal de Angola**. Luanda. Jun, 2011. Disponível em <http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/musica/ariovalda_gabriela_perseguido_pelo_lugar_ao_sol>. Acesso em 20 de Setembro de 2013.

PORTES, Alejandro; GUARNIZO, Luis; LANDOLT, Patricia. The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field. **Ethnic and Racial Studies**, v. 22, n. 2, 217 – 237, 1999.

RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. **Desamparo psíquico nos filhos de decasséguis no retorno ao Brasil**. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista 'Julio de Mesquita Filho', Assis – São Paulo.

SANTAMARIA, Enrique. **La incógnita Del extraño. Una aproximación a la significación sociológica de la “imigración no comunitária”**. Espanha-Barcelona: Anthropo, 2002.

SILVA, Roque. Ary promove em Portugal o seu mais recente álbum. **Jornal de Angola**. Luanda. Fev, 2013. Disponível em <http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/ary_promove_em_portugal_o_seu_mais_recente_album>. Acesso em 20 de Setembro de 2013.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico: e as perspectivas do tempo real**. São Paulo; Editora 34, 2005.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

Recebido em 05 de junho de 2015.
Aceito em 12 de outubro de 2015.